



Maria João Pinto Cartaxo (gr. 300), Profª Bibliotecária AE Ovar Sul

TAREFA 2

Partilha o teu dia...e um diário com potencialidades pedagógicas e literárias.



Diário escolhido

(sinopse do livro)

Zlata tem onze anos e vive em Sarajevo. No seu diário de menina, com as suas próprias palavras, inscrevem-se dia a dia os reflexos da vida que a cerca. De repente, a guerra rebenta às portas de sua casa. Os temas mais vulgares cedem então lugar ao medo, à cólera e à incompreensão. O universo de Zlata cai em pedaços. Os bombardeamentos e os atiradores solitários semeiam a morte; falta a água, a eletricidade, os alimentos...

Hoje a voz desta jovem de Sarajevo ajuda-nos a compreender melhor os sofrimentos e o desespero de um povo inteiro.

2.ª feira, 29 de Junho de 1992

Dear Mimmy,
ESTOU FARTA DOS TIROS DOS CANHÕES! E DOS OBUSES!
E DOS MORTOS! E DO DESESPERO! E DA FOME! E DA TRISTEZA!
E DO MEDO!

A minha vida é isto!

Não se pode criticar uma estudante inocente, de 11 anos, por querer viver. Uma estudante que já não vai à escola, que não tem alegria, que não tem as emoções dos estudantes. Uma criança que já não brinca, que não tem amigos, nem sol, nem pássaros, nem natureza, nem frutos, nem chocolates, nem bombons, só um bocadinho de leite em pó. Em resumo, uma criança que não tem infância, uma criança da guerra. Agora é que de facto compreendo que estou a viver uma guerra, que sou testemunha de uma guerra suja e repugnante. Eu e milhares de outras crianças desta cidade que se destrói, que chora, que se lamenta, que espera por um socorro que não virá. Meu Deus, será que isto vai parar um dia, será que vou voltar a estudar, a ser uma criança contente por ser criança? Já ouvi dizer que a infância é o mais belo período da vida. Eu estava contente com o modo como decorria a minha infância, mas esta guerra tirou-me tudo. Porque?! Estou triste. Ape-te-me chorar. Estou a chorar.

A tua Zlata

Querido diário,

Hoje estou na Croácia, em Osijek. Fiz esta viagem no âmbito da 3ª mobilidade “Eco-Herit@ge Matters”, projeto inserido no programa Erasmus+, e do qual o meu agrupamento faz parte. Acompanho quatro alunos da Escola Secundária Júlio Dinis, escola sede do Agrupamento de Escolas de Ovar Sul. Chegamos ontem à noite, muito cansados. Passamos o dia em viagem, mas sempre com boa disposição, que é o mais importante nestes momentos e nos ajuda a vencer a fadiga. Após uma noite de merecido descanso, cá estamos, na escola de acolhimento *OŠ Retfala*, em Osijek, onde fomos recebidos com muito carinho e simpatia. A milhares de quilómetros de distância, sinto-me em casa. É reconfortante perceber que esta comunidade educativa, de uma cidade de um país da Europa Oriental, não é muito diferente da nossa. Apesar do frio e da neve, no interior da escola há calor, sobretudo humano, traduzido nos rostos das crianças e jovens, que nos receberam com canções tradicionais e muito alegres, e na gentileza, delicadeza e profissionalismo dos adultos, professores e funcionários, que contribuíram para nos familiarizar com as restantes comitivas (Itália, Grécia e Roménia) ajudando a estreitar relações entre os grupos oriundos de vários países.

Durante a visita à escola, neste primeiro dia de atividades, pude comprovar a qualidade do trabalho pedagógico dos nossos anfitriões, mas o que mais me chamou à atenção foi o facto da escola ter um abrigo antiaéreo. Na verdade, a guerra ainda está muito presente na vida dos croatas. Passados cerca de 20 anos, há marcas de bombas, visíveis nas fachadas dos edifícios, alguns suportados por estruturas de ferro e madeira, para não desabarem. Edifícios belíssimos, a lembrar palácios habitados por belas princesas e príncipes encantados, ainda que cravejados de balas a lembrar-nos de que a guerra é uma realidade presente nas nossas vidas, ainda que tenhamos de continuar.

Aliás, quando decidimos avançar com a viagem à Croácia, a invasão da Ucrânia pela Rússia, tinha acontecido há pouco, e nós tivemos algum receio de colocar em perigos os nossos alunos. Porém, quando ontem aqui chegámos, foi clara a percepção de que estávamos em segurança. Para os nossos amigos croatas, o medo é algo que se habituaram a ultrapassar, após a violenta guerra nos Balcãs, entre 1991 e 2001, que envolveu a Croácia, a Bósnia e Herzegovina, a Sérvia, o Montenegro, o Kosovo e Macedónia, e ceifou muitas vidas.

Hoje, aqui, penso nas crianças e nos jovens que, tal como Zlata Filipovic, a menina sérvia que registou no seu diário os horrores de uma guerra igual a todas as outras, porque as guerras são todas iguais, significam morte e sofrimento.

Quantos jovens terão escrito sobre a maior estupidez do Homem? Muitos, certamente, ainda que as suas histórias não tivessem chegado até nós.

Sabes, querido diário, gostava muito de poder ler diários que contassem histórias de AMOR! Seria maravilhoso!

A tua MJ